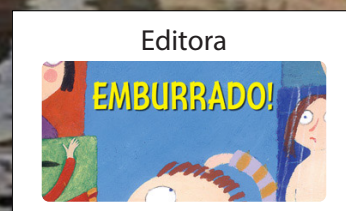


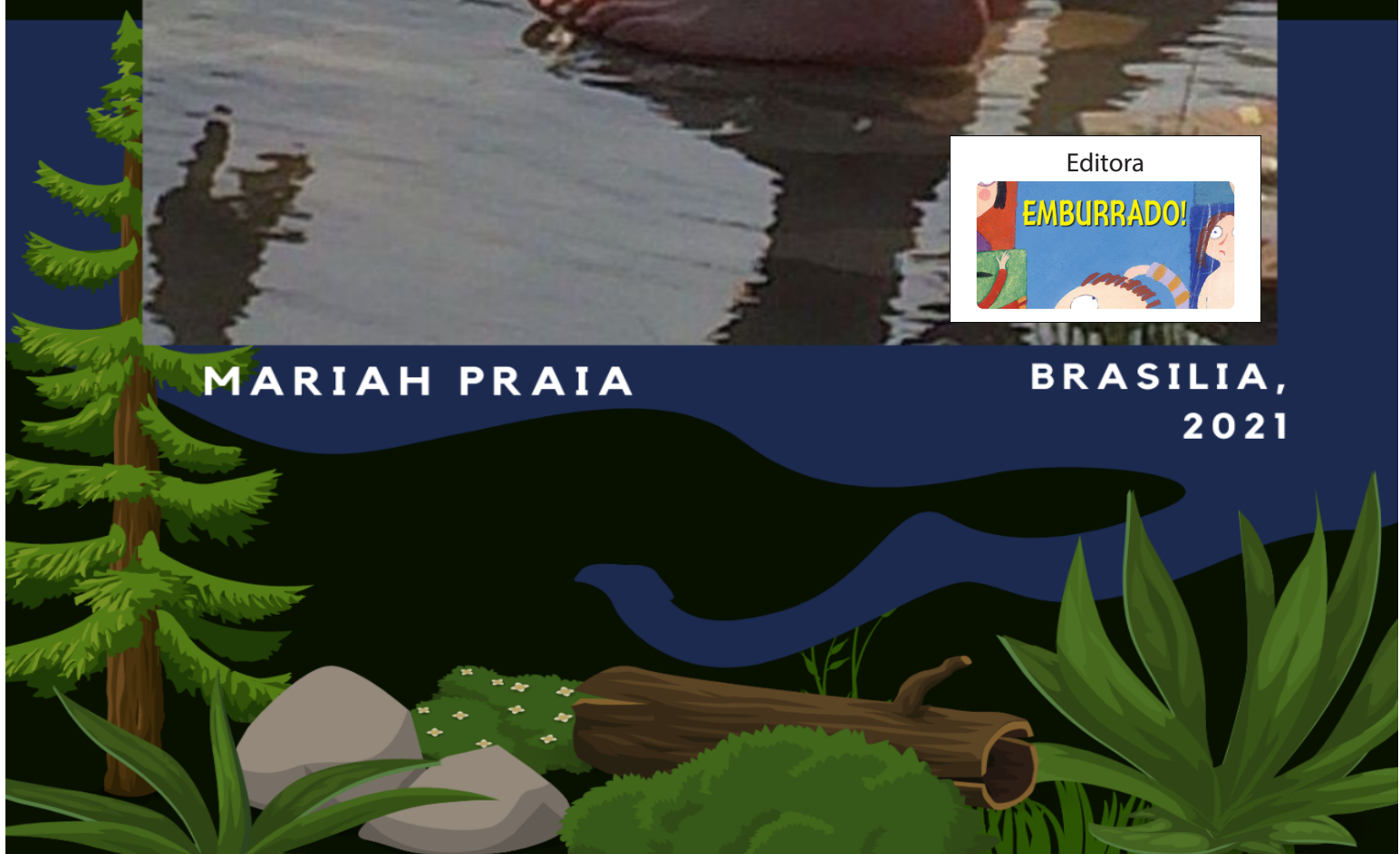
LÍRIO

E PELO RIACHO SEGUI.



MARIAH PRAIA

BRASILIA,
2021



SUMARIO

introdução.....	pag 3
capítulo um	pag 4
capítulo dois.....	pag 7
capítulo três.....	pag 9
capítulo quatro.....	pag 11

INTRODUÇÃO

Explicar sobre morte para uma criança é sempre muito difícil. Geralmente o primeiro contato com a morte de uma pessoa é um animal de estimação ou uma pessoa amiga da família. E, mesmo que seja difícil tratar de um assunto tão delicado para uma pessoa tão pequena, os adultos sempre conseguem dar um jeito.

Acredito que por que a maioria das mortes tem uma explicação de como aconteceu ou porque aconteceu.

Porém explicar porque alguém sai de sua vida e o deixa ser criado por sua avó é um pouco mais difícil. Mesmo não sendo uma situação tão extrema e irreversível como a morte, muitas vezes a pessoa que foi abandonada não tem o porquê daquilo ter acontecido, o que torna muito mais angustiante a explicação de tal situação.

Dina passou alguns dias pensando em como dizer para seu neto que sua mãe havia partido, não para outro plano, mas sim da cidade. Pensou em cada reação que Leo poderia ter, em como poderia acalmar e fazer o menino parar de chorar no tão fatídico momento mas no meio de tantas possibilidades ela nunca iria imaginar ver um sorriso triste estampado na cara da criança. ele estava aliviado.

A verdade é que Lídia, mãe de Leo, não era a melhor mãe do mundo. Ela nunca realmente esteve presente em sua vida e mesmo tendo apenas 5 anos, Leo conseguia entender o porquê de passar tanto tempo na casa da avó, mesmo sendo dia de semana.

De qualquer forma, não foi uma mudança muito drástica, o menino amava muito sua avó e já estava acostumado com a rotina de viver com a senhora. E para falar a verdade não era só seu neto que a amava, Dona Didi era muito querida pelo seu vilarejo e as pessoas sempre iam a pedir conselhos. Fossem eles sobre uma grande paixão ou uma tosse que doía o pulmão. Seus chás e suas músicas cantaroladas traziam sempre muito amor e afeto.

Mas o que Leo realmente gostava sem sua avó eram suas histórias. É comum quando se é criança que seus pais ou a pessoa que cuida de você, conte uma história para você dormir.

Geralmente são sobre príncipes e princesas, ou alguma fábula que quando se é adulto a moral parece ser óbvia demais, porém as histórias da Didi eram um pouco diferentes.

CAPITULO

Um

Leo estava deitado em sua cama, esperando sua avó chegar, ansioso pela história que iria ouvir. Será que iria ser de suspense, eram as mais legais. enquanto ele divagava sobre o possível tema sua avó chegou com duas xícaras de chá quente e entregou uma para ele.

— Imagino que você deva estar pensando muito sobre a história de você, não? Até parece que não tá nesse planeta” Didi falava rindo vendo seu neto acordar de seus pensamentos: “Bom, infelizmente vou ter que quebrar suas expectativas o dia foi meio longo e mesmo se eu fosse te contar a história mais legal já inventada não iria ser bom. Porém mesmo não contando exatamente uma historia vou te apresentar mais um orixá e amanhã a noite eu te conto algumas histórias sobre a mesma”

— Ah! que bom, puxa, vovó, pensei que a senhora ia me deixar dormir sem nada” o menino soltava um ar de alívio “achava que eu já conhecia todos os orixás

— Bom, você realmente conhece desculpa mais uma vez por não atender suas expectativas, porém essa que eu vou te contar hoje você apenas conhece de nome. — Depois de uma pequena pausa para tomar mais um gole de seu chá Dina continua:

— Hoje vou te contar quem é Oxum.

— Ah vovó essa eu sei ela é a rainha das águas — Leo corta a frase de Dina

— Quase certo. Ela é a rainha das águas doces, dona dos rios e cachoeiras. Oxum representa a fertilidade, a maternidade e é a deusa da beleza, muitos a chamam de mamãe Oxum por ser a protetora das crianças e dos recém nascidos. Ela está sempre bem vestida, com muitos adornos de ouro e carregando sempre seu espelho em mãos.

— Então é por causa dela que a gente tem que pedir licença quando entra nas cachoeiras vovó Didi? — Leo acabara de lembrar de algo muito importante

— Com toda certeza. não só quando vamos entrar em uma cachoeira mas sempre que vamos usufruir dos poderes da natureza pedimos licença. Por exemplo, quando entramos no mar pedimos licença a iemanjá já que ela é dona das águas salgadas.

— Entendi, gostei de saber mais sobre Oxum mas vou confessar que preferia uma história mesmo. Me promete que amanhã você me conta? — O menino terminou seu chá e se preparava para dormir.

— Prometo meu bem, claro que prometo.

Diná deu um beijo em sua cabeça e já na saída do seu quarto desejou bons sonhos para o menino, que já dormia feito pedra. A expressão dormir feito pedra não significa que quando a pessoa dorme ela se transforma em uma pedra ou algo do tipo, apenas ajuda a dar intensidade quando eu digo que Leo já estava dormindo muito profundamente.

Já de manhã, quando os primeiros raios de luz entraram pela janela de Leo e se debruçaram sobre a cama dele, não conseguiram encontrar o dono do quarto. Leo já estava de pé, acordou mais cedo que o galo e pela felicidade do garoto era capaz dele mesmo cantar para que o galo acordasse. Era sábado e ele iria passar o dia todo com os amigos se divertindo e brincando até o sol se pôr, para o menino nada poderia dar errado.

Como eu e você já sabemos quando essa frase é escrita em algum livro significa que o clímax da história está por vir e que, mesmo que seja justamente o contrário do que a frase quer dizer, tudo daria errado. E sim, sinto-lhe informar mas este livro não é muito diferente dos outros, por mais que Leo tivesse certeza do que faria e o que aconteceria neste dia ele estava profundamente enganado pois sua avó parecia ter outros planos em mente.

Quando saiu de seu quarto se deparou com sua avó na cozinha terminando de arrumar algumas sacolas enquanto o café ficava pronto. Ela estava arrumada e também parecia bem feliz e disposta mesmo sendo de manhã cedo. “Bom dia bem, que bom que já está acordado, hoje temos um dia cheio até ia te deixar dormir mais”

— Bom dia, vovó, como assim um dia cheio hoje é sábado, achei que iríamos descansar o dia todo. Na verdade eu queria brincar com meus amigos —Leo estava genuinamente confuso.

— Oh, me desculpe filho, mas você vai ter que deixar para brincar com seu amigo amanhã. Agora de manhã depois de comer vamos passar na feira para comprar algumas coisas que estão faltando e de tarde vamos arrumar a casa! — Didi falava animada como se fosse a melhor coisa para se fazer em um sábado.

Aos 5 anos qualquer coisa parece ser caso de vida ou morte, é tudo 8 ou 80, expressão que aqui quer dizer “o mundo de qualquer criança iria ao chão, a mesma acharia tudo injusto e ficaria extremamente chateada pelo resto do dia se descobrisse que teria que trocar um dia de diversão com seus amigos para arrumar a casa”.

Léo não foi diferente, tentou achar alguma maneira de convencer sua avó a adiar a faxina, mas quando ela bateu o pé e foi irredutível sobre os planos para tal dia, o menino desistiu de argumentar e foi tomar café.

Mesmo estando extremamente chateado ele não iria desobedecer sua avó, então engolindo o choro se arrumou e juntamente de Dina foram a feira. Na volta os dois almoçaram e passaram a tarde arrumando a casa.

No fim do dia, quando já estava tudo arrumado e limpo Didi chamou Leo para ajudar a fazer um bolo. Ah é, existia mais uma coisa que Leo amava mais que tudo em sua avó além da sua habilidade em contar histórias, essa coisa era seu incrível dom para fazer doces. Seus bolos eram de levar a loucura. A cada pedaço você se sentia mais próximo do paraíso.

Com o gosto doce ainda em sua boca e sentindo o cheiro bom do lençol limpo, Leo se deitou mais uma vez esperando sua avó chegar para-lhe contar uma história. Novamente Diná chegou com duas xícaras de chá na mão e se acomodou perto de seu neto.

— Como combinado, hoje vou contar uma história sobre Oxum. Na verdade, essa história aconteceu comigo.

Leo estava surpreso, Didi nunca havia lhe contado um relato real. Vendo a curiosidade do neto sobre o tema, Didi continuou:

— Há muito tempo, sua bisa, minha mãe, pediu pra eu buscar água no rio que fica logo atrás de casa. Já era final de tarde, ventava um pouco e o clima estava bom. Eu fui cantando e dançando, então, na hora que eu cheguei, já havia escurecido. Me ajoelhei na beira do rio pra pegar a água e foi quando eu a vi. Sentada do outro lado do rio, uma mulher deslumbrante, cantarolava enquanto colhia flores. Fiquei alguns segundos admirando sua beleza. Tudo e nada passava na minha cabeça. Foi quando ela olhou pra mim e sorriu, seu sorriso era radiante, faria até mesmo o sol ter inveja. Olhei para baixo por conta da vergonha e voltei a pegar água, quando terminei e olhei pra cima ela já não tava mais lá. voltei pra casa cheia de perguntas, eu sabia que ela não vivia na vila já que era uma aldeia pequena e todo mundo se conhecia. Mas então o que uma mulher tão bonita, coberta de ouro, estava fazendo na cachoeira essa hora da noite? Cheguei em casa um pouco atordoada, mamãe percebendo minha quietude perguntou o que havia acontecido. Depois de explicar tudo, mamãe ficou uns bons minutos em silêncio. Meu coração estava a mil, será que ela ia achar que eu era doida? Então, quando ela finalmente deixou de divagar sobre meu relato ela cantou, e então eu percebi que a pessoa que eu tinha visto era na verdade mamãe Oxum.

Leo estava arrepiado, não conseguia acreditar que tal situação tinha mesmo ocorrido, e ainda por cima com sua avó.

— O que ela cantou, vovó? — foi o que ele conseguiu dizer no momento.

Então Diná começou a cantar. Infelizmente, ainda não inventaram uma tecnologia que me permita cantar através de um texto, então vou apenas escrever a letra da encantadora música cantada por Didi para que vocês entendam, assim como ela entendeu no dia:

Eu vi mamãe oxum na cachoeira

Sentada na beira do rio

Colhendo lírio lirulé

Colhendo lírio lirula

Colhendo lírio

Pra enfeitar o seu congá

A música se repete quantas vezes você quiser. Quando Dina terminou de cantar, Leo tinha dormido, não por estar entediado ou coisa do tipo, mas porque a música o acalmou.

CAPÍTULO

Dois

Como todos sabemos, a parte da manhã é o melhor horário do dia para se refletir. Não há nada melhor que acordar, encarar o teto e imaginar o que você fará em um futuro próximo. É engraçado pensar nas milhões de possibilidades de reflexões matinais que cada pessoa pode estar tendo. Seja “o que vou comer de café da manhã” até “como vou explicar pro meu colega de quarto que meu cachorro queimou o tapete” todos são pensamentos lógicos e válidos.

Leo também estava neste momento agradável do ponderamento matutino, porém seus pensamentos iam um pouco além de uma comida ou um tapete. Acontece que a história contada por sua avó na noite anterior e a canção sobre Oxum não saiam da cabeça do menino. Ele havia ficado realmente curioso e no momento se perguntava se também conseguiria ver Oxum.

Deixando por um tempo seus pensamentos de lado, se levantou e foi tomar café com Diná que já estava acordada e a mesma também havia tido pensamentos ao acordar, e estava com suas ideias organizadas sobre o que faria em seu dia.

— Bom dia meu bem — falou Didi — como ontem você me ajudou bastante, hoje você está totalmente liberado para brincar com seus amigos. Inclusive a Marta me ligou hoje e o Enan quer passar no riacho junto com os seus amigos de tarde e te chamou para ir junto.

Como se a oportunidade tivesse caído do céu ou Enam tivesse lido seus pensamentos, Leo conseguiria pôr em prática seus devaneios matinais e encontraria Oxum. Ou era isso que ele imaginava que iria fazer quando aceitou o convite que havia recebido. Antes de sair de casa foi se despedir de Diná:

—Tchau querido. Volte antes de escurecer, não suba o rio e lembre de pedir licença antes de entrar no riacho.

O ser humano já presenciou muitas forças neste mundo. O embate de Kleber bambam e Léo Stronda, o efeito que faz quando você toma mais de 3 energéticos em menos de uma hora, a fúria de um professor de educação física quando você chuta uma bola de vôlei e por aí vai. Mas creio eu que não exista nada mais forte no mundo que a natureza.

Não estou falando apenas de furacões, tsunamis e vulcões. Esses fenômenos têm sim sua força e impacto na humanidade. Mas nada se iguala ao sentimento que você tem quando está deitado na grama sentindo o vento passar por cada canto de seu corpo, ou pulando onda, ou deixando a correnteza fraca do rio te levar. Essas sensações não tem preço e não tem como descrever algum lugar sem mencionar elas.

Leo agora se encontrava no riacho com seus três amigos Enan, Lara e Caio. ele estava em pé na beira da água e acabava de pedir licença a oxum. o riacho era incrivelmente bonito, sua água tinha um tom de verde e era tão limpa que dava para

ver nitidamente os peixes tentando subir a correnteza. Ele era dividido em poças onde a água caía, circulava e descia para a próxima piscina natural. Em volta do riacho tinha uma mata ciliar com muitas flores. Léo nunca se sentiu tão calmo e feliz.

— Eca Léo você tá em cima de uma pedra cheia de musgo — Caio fala fazendo o menino olhar para baixo olhar para baixo.

— Não é musgo besta, isso aqui são líquens. Essas manchas na verdade são milhares de bichinhos que vivem juntos e eles só aparecem quando o ar é muito limpo. Minha avó me ensinou bem legal, né? Quem diria que essa informação seria útil para alguma coisa pensou Leo

— Então sai de cima dos bichinhos tadinhos — falou Lara genuinamente preocupada. Fazendo o menino rir e sair de cima da pedra. Agora que parava para analisar a situação como que ele acharia Oxum afinal? Sua avó só a encontrou por acaso e ela estava sozinha na hora. Será que ele teria que nadar até o fundo do riacho para ver a orixá, se bem que olhando de cima não parecia tão fundo ao ponto de caber um adulto escondido sem mais nem menos. — Ei Leo vem ver isso aqui! — Tirando o menino de seus pensamentos, Lara o chama enquanto, junta dos outros dois meninos, olhava para o chão.

Com muita curiosidade e uma pontada de medo o menino se aproxima:

— Um sapinho! Que bonito todo colorido, será que posso pegar ele? — Sem esperar uma resposta a mão do menino foi direto ao sapo

— Não!! — Enan grita antes da mão do seu amigo chegar ao pequeno bicho. — Minha vez de falar sobre curiosidades da natureza. Quanto mais colorido o sapo é, mais venenoso ele pode ser. Pode até acontecer de você pegar um resfriado!

Sejamos justos a informação não está errada apenas incompleta. O que na verdade pode acontecer é a morte de alguém que pegue em um desses pequenos sapos.

— Eu não gosto de resfriado. A gente podia criar outra história pra esse sapo. Uma mais divertida — Caio se pronunciou enquanto analisava friamente o ser. — Já sei! Esse sapo na verdade é um mágico e não podemos tocar nele se não ele vai nos transformar em pedra.

— Gostei da ideia — complementou Lara — E os líquens ajudam o sapo nas suas poções porque ele só consegue fazer encantamentos com um ar puro. Então os líquens limpam para ele e trocam ar pelos encantamentos.

— Mas eu não acho justo a gente chamar o sapo de sapo. Qual pode ser o nome dele? — Perguntou Enan

— Senhor Bufus. — Leo falou ajudando a implementar a história, fazendo seus amigos rirem pelo nome estranho. — O senhor Bufus é parceiro da mamãe Oxum que também sempre o ajuda com as opções"

— Mas ele acabou se perdendo e não conseguiu achar o caminho da casa de Oxum e precisa da nossa ajuda pra chegar no destino! — Falou Caio empolgado com a nova aventura.

CAPÍTULO

Três

A brincadeira seguiu e durante as 4 horas muitas coisas aconteceram. Eles tiveram que atravessar um rio enorme, lutaram com cipós contra um arbusto malvado, pegaram carona nas costas de uma borboleta e finalmente conseguiram chegar na trilha que dava para a casa de mamãe Oxum. Então com a aventura se acabando Lara se pronunciou

— Pronto agora que o senhor Bufus foi entregue, acho que a gente já pode voltar pra casa também. Tá ficando de noite e eu já tô cansada.” O resto dos amigos concordou, mas Leo estava um pouco inconformado. Ele não tinha visto Oxum.

— Calma gente, acho que a gente podia levar o senhor Bufus até a porta da casa de oxum antes, vamo subir o riacho a casa dela fica lá — o menino sabia muito bem que não podia subir o riacho. a avó já tinha lhe falado várias vezes e ele sempre obedecia. Mas dessa vez era diferente.

— Não Leo — Enan falou — Não seja lelé. A gente não pode subir o riacho, e daqui a pouco escurece. Vai ficar frio e eu to com fome, vamo voltar pra casa e brincar lá. — Mais uma vez os amigos concordaram. no fundo Leo sabia que eles estavam certos. O vento já estava ficando mais gelado e sua barriga pronunciava sua fúria pela falta de comida. Ele sabia que era o certo a se fazer.

— Então quer dizer que você tem medinho? — Era o certo, mas ele não iria dar pra trás.

— Não tenho!

— Tem sim!

— Não tenho Leo.

Sem suportar mais os gritos dos dois meninos Lara exclamou:

— Mas eu tenho! E tenho fome também. Desculpa Leo mas dessa vez eu não vou te ajudar. — Virando de costas a menina começou a voltar sozinha.

— Você devia vir com a gente bocó — Caio disse se afastando também.

— Eu não tenho ok? — Foi a vez de Enan sair.

Agora ele estava sozinho. Por alguns minutos Léo ficou estagnado pensando seriamente se deveria voltar com os amigos. Tomando então uma decisão, enquanto o sol se punha, Leo seguia para dentro da mata na beira do riacho, afinal nada iria acontecer, ele acharia Oxum daria um oi e voltaria para casa.

Uma coisa que se aprende com o passar dos anos é que nem tudo que nós planejamos realmente acontece. Uma pessoa pode planejar fazer um piquenique mas quando a mesma chega no lugar vê que ele está infestado de ursos. Leo estava andando há aproximadamente meia hora e definitivamente não era isso que ele tinha planejado. Mas acontece que o menino era curioso demais para apenas se concentrar apenas em Oxum.

A floresta era ainda mais bonita no crepúsculo, a luz que batia na água e nas plantas tinha um tom alaranjado. E a cada passo que o menino dava para dentro do riacho ele se encantava com algo diferente. Leo já tinha passado por diversas borboletas, uma mais bela que a outra. Catou todas as flores que achou pelo caminho pensando em fazer um buquê para sua avó como pedido de desculpas por ter chegado tarde.

Com o desaparecimento da luz solar a coragem e curiosidade de Léo também bateram em retirada ficando um pouco de lado para que outro sentimento pudesse ter lugar, o medo.

A lua estava cheia então era uma noite clara. Os vagalumes deixavam o caminho mais bonito porém não faziam o medo retroceder.

— Oi! Mamãe Oxum que surpresa. Eu tava andando por aqui nem reparei em você acredita? como vai?... Não. E ai Oxum? ...Melhor não. — Leo andava calmamente enquanto ensaiava o que iria dizer para Oxum na hora que a encontrasse quando um barulho no meio de uma moita soou de repente.

— Que susto! — olhando para o chão em busca de qualquer coisa para se defender, o menino levantou um graveto extremamente fino — se for um monstro saiba que eu estou armado!

Depois de gritar a frase mais assustadora que conseguiu bolar o arbusto se mexeu. Leo fechou os olhos e gritou. Depois de alguns segundos estranhando não sentir nenhuma mordida na sua perna ou em seu braço o menino abriu os olhos:

— É só um gatinho! Você deve ter se perdido né amigo? Vem eu te levo comigo para casa acho que não vai dar para ver Oxum de qualquer forma.

Botando o animal em sua cabeça Leo deu meia volta, andou por alguns segundos e parou de novo. Olhando para o chão o menino começava a se desesperar. “Onde tá o rio?!” eram as únicas palavras que conseguia pronunciar.

Tirando o pequeno gato de sua cabeça e o segurando nos braços, o menino começou a correr. Suas pernas criaram vida própria e ele já não sabia mais para onde ia e que caminho estava pegando. Seus olhos se rechearam de lágrimas mas o mesmo se recusava a deixá-las cair. Sem conseguir olhar para onde pisava, Leo trombou em uma árvore e caiu sentado no chão.

Desembolando o enorme nó em sua garganta, o garoto deixou as lágrimas dançarem sobre seu rosto. Ele estava perdido, com fome, com frio, cansado e ainda tinha um pequeno gato para ajudar. As flores que tinha coletado já tinham ficado para trás. Leo se sentia como o senhor Bufus porém com uma diferença: ele não tinha quatro aventureiros para lhe ajudar.

CAPÍTULO

Quatro

Depois de cessar o choro, um cheiro incrível invadiu as narinas do menino. Sua barriga, que já tinha desistido de reclamar há algum tempo, voltou com toda a força que lhe sobrava. Junto do cheiro, uma doce melodia podia ser ouvida ao fundo. Sem pensar muito, Leo seguiu o rastro que o cheiro deixava no ar.

No horizonte podia avistar uma pequena casa de pedra e madeira. A cada passo que ele dava para perto da construção, o som aumentava e o chão se tornava mais enlameado. Com muita calma o menino se aproximou da porta e apoiou seu ouvido na madeira tentando decifrar a música que saía de dentro da casa. Sem aviso prévio a porta se abriu fazendo-o cair no chão com o gato em seu colo.

— Que susto menino! quer me matar do coração? — Uma senhora estava de pé em frente a Leo, vestindo roupas roxas e um lindo colar de búzios no peito, ela levou sua mão ao menino para ajudá-lo a se levantar. — Se machucou?

— Não, eu estou bem obrigado.

— Você parece com fome. Vem, entra. Acabei de fazer uma sopa, acho que você e seu bixano podem gostar.

— É muita gentileza sua senhora, mas é de noite e eu preciso voltar para casa e tem mais uma coisa: eu nem sei quem a senhora é.

— Não há problema algum posso me apresentar para você. Sou Nanã. Nanã buruquê.

— Nanã?! Minha avó me contou muitas histórias sobre a senhora.

— E você é?

— Eu sou Leo.

— Prazer Leo. O que um garoto pequeno como você está fazendo aqui depois de escurecer?

— eu... estava procurando Oxum e acabei me perdendo.

— Meu Deus! sua mãe deve estar preocupada. venha, entre, coma um pouco e eu te ajudo a achar o caminho de casa.

— Na verdade eu moro com a minha avó, sabe?

Se levantando, Leo entrou na casa junto de Nanã e seu recém amigo gato. Depois de se servir, sentando na mesa, os dois começaram a comer. Comida. Como algo podia ser tão bom? Era o que pensava o menino enquanto engolia cada gota da sopa à sua frente.

— E me diga, porque queria encontrar Oxum?

— Por que minha avó Diná tinha me contado uma história sobre o dia que viu Oxum quando era nova. Ela me falou sobre o quão bonita era Oxum e que nunca esqueceu do dia. Então eu fiquei curioso para saber se ela estava falando a verdade.

— E por conta da curiosidade resolveu desobedecer sua avó, ir contra seus amigos e subir o riacho?

— Sim...

— E o que aconteceu?

— Eu me perdi... Mas conheci a senhora e o gatinho então deu tudo certo.

— Não. Não deu tudo certo. Já pensou em como sua avó tá nesse momento?

Sem obter nenhuma resposta Nanã continuou:

— Não só sua avó como seus amigos, os pais de seus amigos, as pessoas da vila. Todos estão ajudando a te procurar. Estão perdendo uma noite de sono porque estão preocupados com você. Então não desobedeça mais sua avó, ouviu?

— Ouvi.

Enquanto terminava de comer sua sopa, Leo conversava mais com Nanã. A conversa estava ótima, mas Leo queria voltar para sua casa e pedir desculpas à sua avó.

— Venha, agora que já acabou vou te ajudar a achar o rio e de lá você vai andar na direção que a água está indo.

Os dois caminharam em silêncio até o rio. Leo andava abraçado no gato pensando em tudo o que tinha acontecido e que mesmo depois de todas as coisas ele não viu Oxum. Chegando no riacho, o menino agradeceu Nanã e começou a caminhar como a mesma havia lhe falado.

Os olhos de Didi já estavam pesados e por mais que quisessem fechar, sua barriga que dava voltas e mais voltas não deixava. Seus pés que iam de um lado para o outro no meio da mata não deixavam. E, principalmente, sua cabeça que repetia a frase “onde está meu neto” diversas vezes não deixava.

A alguns metros dali um vulto se aproximava. um pequeno vulto vinha caminhando bem lentamente em direção a Diná. Um pequeno vulto de seis anos, cabelo cacheado, pele negra, carregando um gato em suas mãos vinha correndo em direção a diná.

Sem pensar duas vezes a senhora ajoelha no chão e abre os braços. Leo e seu gato são envolvidos pelos braços reconfortantes de Didi. Eles passam alguns minutos nessa posição até que Diná dá um leve beliscão na orelha de seu neto:

— Nunca mais faça isso comigo entendido? Eu quase morri de preocupação.

— Entendido vovó

— E quem é esse no seu colo?

— Eu achei ele na mata, podemos ficar com ele?

— Podemos sim meu bem. Qual vai ser o nome?

— Bixano.

FIM